

# O EXEMPLO

Anno II  
Redactor e editor  
**Arthur de Andrade**  
ESCRITORIO  
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre — Domingo, 4 de Junho de 1893

Director-gerente  
**Marcilio Freitas**

ASSIGNATURAS

Por mez... 500 rs.

N. 25

## A quem nos lê

Ainda ha muitos dos nossos que ignoram o fim que temos tido em vista realizar. Temos pugnado pelos interesses de nossa classe e propomo-nos a eleval-a á altura a que tem direito, muito embora nos custe isso enormes sacrificios.

Os esforços até então empregados têm sido de certa fórma correspondidos; mas é de necessidade que *O Exemplo* multiplique-se e penetre mais intimamente em muitos meios ainda incultos, com o fim de melhorarmos e assim irmos realisando nosso desideratum. Lamentamos seriamente que nossa folha seja devolvida por amigos nossos e que sem custo a podem sustentar.

Ignoramos o motivo porque assim procedem; acaso não desejarão auxiliar-nos na regeneração dos nossos? Quero crer que em tal não pensem; mas o que será?

Desconhecerão talvez os intuitos bastantes elevados do *Exemplo*? Certamente que não. Portanto nós, que entendemos que, assim procedendo, praticamos um bem que aproveita nossos irmãos, esperamos que *aquelles...* que ainda não fazem parte de nosso gremio, o procurem. Aos que nos acompanham declaramos que faremos tudo para apagar essas nodosas que ainda restam-nos dos costumes dos tempos que passaram.

Nada nos será mais nobilitante que pugnar desinteressadamente por uma causa que julgamos digna de nos-o p trocinio; confiando que os nossos assim jul-

guem, esperamos que continuem a secundar nossos beneficos esforços.

A Redacção.

## Ferroadas

Estamos em pleno inverno e o frio é intenso.

Quem haverá, por ahi, que, tendo uma *costella*, não se julgue feliz?

Por ventura haverá cousa melhor que dormir-se de *costella* quente, nestas noites hibernosas?

Sem duvida que não.

A mocida e de agora resente-se da necessidade de casar e como as cousas estão bicadas, e o cambio a 11, offereço-lhe este *extracto*:

« ESPELHO DA VERDADE

*Marido*

Ainda ha homens,  
Que querem casar!  
Quem póde, co'as modas,  
Mulher aturar?!  
Quer hoje um vestido,  
Quer outro amanhã  
Quer chales de lã,  
Quer leques, quer luvas,  
Quer meias, quer saias,  
Quer fitas, quer rendas,  
Requifes, cambraias,  
Quer mais um collete,  
Quer voltas, pulseiras.  
Quer quantas asneiras  
A França cá mette:  
E o pobre marido  
Tudo ha de pagar!  
Quem póde co'as modas,  
Mulher aturar?!

*Mulher*

Xiquinho, socega...  
P'ra que te zangar?  
Não peço mais nada  
P'ra não te enfiar...

Por hoje só quero  
Me dês um fichú  
P'ra irmos ao baile  
Da D. Lulú...  
Depois pince-nez,  
Botinas, toncado.  
Chapéu mulatinha,  
P'ra ir ser madrinha  
Do meu afilhado.  
Mais tarde, domingo,  
Verei com vagar  
O mais que p'ra festa  
Preciso comprar. »

E que tal? nada quer; no entanto, como de grão em grão a gallinha enche o papo, assim tambem ella pouco a pouco vae sugando-nos o cobre. Realmente é preciso ter uma mulher desprerenciosa, para levar-se com satisfação o oneroso encargo de um casorio. Vamos, a proposito, tratar das grandes difficuldades que acompanham ou antes, esvoaçam por sobre os sonhos dourados de um hymeneu.

Poucos são os embaraços a vencer para obter-se a mão de uma morena; maiores encontram-se na aquisição dos arranjos domesticos.

Moveis, roupa, panellas, louça e mais alguns utensilios, eis o necessario; mas... para botar-se isso em uma casa é que *não é carreira* O cobre hoje está carissimo e não é com conversas que se prepara a casa.

Não bastando isso, ainda vêm as formalidades para o casamento: carros, finos fatos, baile, mesa lauta e isso é nada, dizem as morenas; mas nós sabemos quanto custa.

No principio tudo são flores, diz o rifão, e com razão; após as festas, entra a vida normal da familia e precisa-se de *ouro* para garantir os mastigos. Uns são felizes nos primeiros oito mezes; outros, não. Uns os atravessam satisfeitos, outros, sobrearregados de encommodos.

Aos nove mezes vêm, em cambulhada, os tormentos, dôres, extracções, até a ferro; enterros, quando os ha e doencinhas, com noites mal dormidas e grossas *cacetadas*.

Portanto, meus caros noivos, apparelhæ-vos para essa empreza, a mais séria e honrosa na vida do homem.

Não basta amarmos e casarmos; é necessario que nos compenetremos de nossos deveres paternos.

Devemos pensar, porque vamos firmar um compromisso de fazer a nossos filhos mais que nossos paes nos fizeram; de garantir-lhes a subsistencia e a de sua mãe e dar-lhes uma educação, pela qual honradamente possam com independencia, ganhar a vida.

Pensai, rapazes, e não vos precipiteis; porque quem cae na lama sae sujo e jamais poderá ser plenamente desculpado. E' vergonhoso casar e depois abandonar a mulher, sem motivo justificavel; portanto, cautella, moçada.

Não vos arrisqueis a representar papeis tão tristes; séde prudentes e assim sereis felizes.

Em poucas palavras está, pois, resumida uma existencia e um casamento com suas boas ou más consequencias.

Nem sempre acontece o que acabamos de expôr; mas é forçoso declarar que a felicidade é limitada neste oceano de privações, lagrimas e miserias; pois, enquanto uns entram no hymeneu, por entre festas e flores e assim o terminam, outros saem viuvos, tristes e envoltos em crépe.

JUSTAFA.

### O velho Beltrão

Um velho solteirão de faces enrugadas sentin no coração do amor as taes pancadas.

Nutria mesmo amor o velho palhão, por uma linda flor, um lindo *pancadão*.

Bonito! elle dizia, eston apaixonado pela bella Luzia que mora aqui ao lado.

O velho tem dinheiro; Luzia é muito pobre; por isso quer primeiro do velho ter o cobre.

Casaram-se afinal. A moça o galanteia; (pois isso não faz mal), porque é como o peia.

A balsa se esvasia co'as prodigalidades da riquinha Luzia, que frue a mocidade,

A custa da velhice de seu caro Beltrão, que sempre tem meiguice para o seu *pancadão*.

Luzia moça e bella enfeita-se e namora, porque (assim diz ella) é moça como outr'ora.

Apoz um anno e tanto, app'rece um *bébésinho*, e o velho não se esquece de amar o seu filhinho (?)

Um dia se agastaram, por uma ninharia, e se esbofetearam Beltrão velho e Luzia.

Eis—entra de repente um lindo rapagão que adora loucamente a esposa do Beltrão.

E este encommoado, por essa intervenção, arremetteu damnado, *chupando* um bofetão.

Deitado sobre o chão, dormindo sem vontade, apoz procura, em vão, a sua *cara-metade*.

E o infeliz Beltrão ficou naquella dia, do grande bofetão, sem ver mais a Luzia.

E assim ficou solteiro o velhote charlatão. E os dois bem prazenteiros se foram em direcção,

Da casa já preparada p'ra rolinha raptada, deixando o pobre Beltrão com os chavelhos no chão.

ALVINO JOVELINO.

### PAULADAS

Safa! felizmente já estou livre dos acotovellamentos e em purrões que ha nos fogos; naquelle borborinho vi muitos mocinhos darem beijos nas namoradas!

Ah! fosse eu mãe ou pae de algumas d'essas moças e empurraria o pau na retaguarda dos taes marmanhos.

Emfim, cada um come do que gosta...

Contaram me que ha na cidade

um grupinho de moças, que se dão ao mão vicio de mexer queiras e intrigantes.

Eu, na *qualidade* de defensor das outras moças, victimas da baba peçonhenta d'aquellas, peço ás suas respectivas mãis o obsequio de dar-lhes serviço em suas casas, afim de que ellas abstenham-se de tão feio procedimento e o que é mais, não andem brigando com as outras, por causa dos marmanhos.

Pessoa que foi ao baile dos 15 contou-me que não esteve lá grande cousa, principalmente a orche-tra que era pessima. Tanto que uma pequena, dansando, perguntou ao par: «Este schottisch é schottisch?»

Não offendendo as elegantes jovens que lá se achavam, pôde-se dizer, sem medo de errar, que constituíam as alegrias do salão as jovens Joanninha e Isolina.

Cada um dos rapazes de bom gosto disputava-lhes a primazia

O Pelrinho, como sempre; não houve quem tirasse-lhe a ponta da arte de Cupido.

Quanto aos outros, arranjaram-se conforme puderam, deslacando-se o Grejô que, querendo imitar o Abel nos tres pullos, lev u uma grande queda.

Para outra vez hei de ver si colho melhores novidades.

JUVENAL.

A quarta decima da poesia «Introversão» deve ser lida assim:

Prosigo mais alentado  
Na suave itroversão.  
Ancora o pensar alfim  
No porto da illusão,  
Etc. etc. etc.

Em dia desta semana contou mais um anno de existencia o estimado moço Arnaldo da Silva, um dos intelligentes redactores do *Athleta*.

Enviamos-lhe, ainda que tardamente nossas cordiaes felicitações, por ter festejado mais uma vez data tão faustosa.

Fóra o Reverendo !...

Conta, sob essa epigrapha um diario da capital federal :

« Eram 5 horas da tarde. Em frente á igreja do largo de Santa Rita parou um boné especial, chic, bonito, todo envernizado e limpo, puxado por uma parelha de gordos e marchadores muares.

Era um casamento pobre, desses cujos noivos não possuem o dinheiro bastante para o exorbitante aluguel de um *coupe*, nesse tempo de cambio a pouco mais de 13 e carne fresca a 1\$200 o kilo.

Dentro do bond *ella*, rubicunda, de olhos baixos, pensava... reflectia no futuro cheio de roseas expansões, muito bonita sob o véo alvissimo e a capella de flores de lorangeira; *elle* com a sobrecasaca de paño, a gravata de setim e as luvas brancas, e os botins de verniz; depois os padrinhos, a madrinha, e mais alguns convidadas.

Parando o carro, aquelle espectáculo pittoresco, como era natural, reuniu povo sempre avido e cheio de curiosidade. Ficou repleta a igreja. Ficou repleto o largo.

E havia aquelle murmúrio de gente que falla, conversa, commenta, ri, respira, movendo-se, quando, de subito, pela porta da sacristia appareceu o Rev. sacerdote. Fez-se silencio em respeito ao representante de Christo e ás vestes talares que elle trajava.

Alguns populares mal vestidos, pensando que a casa de Deus, é tambem de seus filhos, invadiram o recinto e estavam perto do altar-mór.

Quando julgavam todos que o reverendo ia fazer um sermão, remorando, talvez a vida do louro rabbino da Judéa, do Homem-Deus o Divino Jesus, prégando as suas doutrinas—S. Revma exclamou :

—« Sucia de canalhas! bandidos! gatunos! miseraveis! que estão vocês a fazer aqui dentro? Então pensam que a igreja é cocheira, e que qualquer bigorriha, valdevinos ou péra-

pado, póde permanecer? Rua!.. corja de diabos. Rua!... passa fóra! »

E virando-se para um soldado que alli estava, ordenou imperativamente :

« Camarada! prenda já essa gente! Metta-lhes a espada! »

A praça voltou-lhe as costas, resmungando qualquer coisa.

Enão o povo, rindo-se ás escaucas com aquelle espectáculo impagabilissimo e gratis, berrou por sua vez.

—Fóra o reverendo ! »

Galeria de homens celebres

III

O senhor Joaquim Jacintho, Muito digno cidadão, Muito honrado secretario Lá do «Centro Applicação»,

E' chamado ao escriptorio, P'ra dar esclarecimentos, A respeito (elle bem sabe...) De uns certos pagamentos.

Vai isso em fórma de annuncio; Porque essa personagem Não é qualquer *pé rapado* Que leve uma só lavagem;

E um homem de vergonha; Prefere apanhar de pau, A ver seu nome *espichado* N'um jornal pequeno e man.

ISCA.

O *Recreio da Juventude* deixa de dar baile amanhã no salão da frente do Theatro S. Pedro, por estar o mesmo tomado por outra associação; passando a realizar seu sa- ráo, no dia 9 do corrente, sexta-feira.

Consociara-n-se hontem o cidadão Tristão Soares de Lima e a distincta moça D. Claudina Rodrigues do Na cimento.

Que o novo par tenha uma vida cheia de prosperidades.

A sociedade «Flór do Centro» festeja amanhã seu 1.º anniversario, com um baile no salão da frente do theatro S. Pedro.

A flor

Elle se debruça da sua janella para a janella do visinho, ao lado, bem juntinho.

— Visinha ?

— Visinho ?

— Que bella flor !

— Qual ? Eu tenho tantas e tão bellas aqui na minha janella ; rosas, jacythos e tulipas.

— Não é d'estas que eu fallo.

— De que flor, pois, visinho ?

— De sua bocca, visinha. Póde-se colher a ?

— E como ?

— Com um beijo.

— Experimente.

Elle assenta-se a cavallo sobre o parapeito de sua janella, inclina-se, segura-se á janella visinha e salta no quarto.

E, com os labios ardentes, enlaçando a moça nos seus braços musculosos, colhe a rosa que tanto desejava.

— Ah ! visinho !

— Que é, visinha ? Não me tinha permittido ?

— Sem duvida ! Mas...

— Mas ?...

— Mas, suspirou ella, — póde-se bem colher flór, sem deitar por terra a roseira.

Catulle Mendés.

Uniram-se pelos sagrados laços do hymeneu os dignos jovens nosso amigo Alfredo Antunes e D. Isolina Fagundes

Fazemos votos para que o novel casal tenha uma existencia toda de paz e alegrias.

INDICAÇÕES

S. B. Porto-Alegrense

E' medico effectivo d'essa sociedade o Dr. Luiz Masson, que é encontrado todos os dias uteis no edificio da mesma, das 8 ás 9 horas da manhã.

E' fiscal do mez corrente o cidadão Alberto Joaquim da Silva, que reside á rua do Comercio

*Burlesqueando*

O patrão ordenou-me :

— Birboque, faça uma descripção succinta, porém exacta dos flogos.

Ora isso é um *pau medonho*, como lá diz o outro. Estava eu pensando nisso, parado defronte da escada que fica entre o imperio e a igreja, conversando com meu velho amigo Andrade, que não é outro sinão o patrão, quando uma chusma de moças conhecidas sahiram do Imperio e se dirigiram para o nosso lado. Fiquei com a pulga na orelha, desconfiando logo que iam pregar-me alguma *poça*. Assim que uma dellas me avistou, gritou com a alegria de quem descobre um pato.

— Olhem ! o Birboque ali está !

Emquanto eu murmurava aos ouvidos do Arthur «*estou frito*», já a descobridora agarrava-me por um braço dizendo :

— Está seguro *seu hereje*?; você não quer entrar na capella nem a pau para beijar a bandeira; agora, para seu castigo, hade beijar a minha pombinha...

— E a minha tambem, observou outra...

— Então, neste caso, tambem a minha, disse mais uma terceira que vinha se approximando. E tanto fizeram as endiabradas meninas que não tive outro remedio sinão beijar as delicadas pombinhas de todas. Já me julgava livre de perigo, quando o diabo de uma velhota que as acompanhava, lembrou-se de avival-as :

— Raparigas, elle pensa que isso é de graça: não sejam tolas: No meu tempo, para os rapazes remissos, a religião não só obrigava-os a beijar a minha pombinha como tambem, por penitencia, obrigava-os a pagar doces.

A carcassa velha, fazendo espirito, acabava de sentenciar-me.

— Bravos, titia, bem lembrado! bradaram todas a um tempo; e levaram-me por diante, em charola, para junto de um tableiro, perto do coreto, onde estava postada uma *matronaça*, nariguda, vermelha, bochechuda, que, á primeira vista, pareceu-me o padre Francisco metamorphoseado em quitandeira de doces. Ahi, então, *depennaram-me!*

Desapontado com tal descalabro, principiei a achar o lugar aziago e

propuz nossa retirada d'ali. Foi então quando esbarrei-me, cara a cara, com o Hilario, que entregou-me um envelope de bom papel, com as beiradinhas douradas, dizendo:

— Toma, Birboque; é um convite para o baile da «Florda Juventude»

Nessa occasião vem se chegando para o grupo o nosso estimado Silvestre, que, faltando-lhe na voz aquella suavidade, com a qual elle canta o «Amor Perfeito», exclama:

— Veja *seu* Birboque; está muito bonito isto: querem dar na porca e acertam no leitão !

— Porca vá elle; mas do que se trata? perguntei-lhe. Elle em resposta só deu-me um envelope igual ao que eu acabava de receber.

Nova decepção me aguardava! Ao abrir o envolturo deparo esta observação: «Póde escovar a *teimosa*, que agora é certo.» Deu-se lamentavel engano. Fiquei com uma cara de quem... de quem não tem vergonha.

Ah! bem disse José do Patrocinio: «A virtude da mentira é desmentir o mentiroso.»

Mas... respirei; estava-me reservada a ultima de mão. Ao ler o cartão vi que não se tratava do «Club da Juventude» como noticiou o *Exemplo*; nem da *Florda Juventude*, como me informou o Benedicto, que é pessoinha de minha confiança; sim, do «Recreio da Juventude»; portanto aquellas deram em agna de barrella.

A nitidez e o luxo do convite denunciam um baile de pompa; deixarei depenurada a *teimosa* e tratarei de sacudir o ponco pó de uma *caprichosa*, que mandei fazer ha pouco tempo, para corresponder ao realce e brilhantismo que indubitavelmente terá a installação do «Recreio da Juventude.»

*Birboque.*

«Encontro inexperado»

Devido a absoluta falta de espaço, deixamos de continuar hoje a publicação d'esse magnifico conto, producção do nosso digno collaborador Lindolpho Ramos.

No dia 2 do corrente a sociedade «União Operaria» realisou um baile, que correu muito animado.

A PEDIDO

Penhoradissimo ante as provas de amizade e sympathia que me foram prodigalizadas no dia de meu consorcio, não posso deixar de tornar publico meu reconhecimento para com as pessoas que foram assim tão gentis nessa occasião inolvidavel; esperando que não sejam feitos os seus melindres, por tão franca quanta sincera expansão de sentimentos. E me seja permittido especificar aqui os nomes do cidadão Ramão P. Flores e sua Exma. esposa D. Felicia P. Flores, que dispensaram-me uma benevolencia extremamente valiosa; dos cidadãos Miguel Branco e Eugenio da Silva, que, por occasião do mod-sto banquete realisado nessa noite, dirigiram-me palavras de saudação, legitimas flores de suas bem cuidadas e muito apreciadas intelligencias; e o da Exma. Sra. D. Alzira Soares, que attentiosamente foi de zelo e presteza inimitaveis nos serviços prestados á minha consorte.

Porto Alegre, 31 de Maio de 1893,

*Marcos Damasio da Costa.*

ANNUNCIOS

S. D. Flôr do Centro

De ordem da presidente, previno as Sras. socias e convidados que esta sociedade realisa, em a noite de 5 de Junho, um baile no salão do theatro S. Pedro, em comemoração a seu 1.º anniversario; sendo o referido salão dedicado especialmente á sociedade «Centro Applicaçã».

São seus directores as Exm<sup>as</sup>. Snr.<sup>as</sup> DD. Marcolina de Moraes, Izaura Fernandes de Silva e Bernardina da Silva Rocha e o cidadão Candido R. da Silva.

Terá começo ás 9 1/2 horas em ponto.

Porto Alegre, 30 de Maio de 1893.

A secretaria,

*Isabel Antonia da Silva Cruz.*